



ALGODÃO NO PIAUÍ: passado, presente e perspectivas para o futuro

Agronet - 23/12/04 08:18:00 - José

Lopes Ribeiro

No Piauí, o cultivo do algodoeiro teve grande importância socio-econômica para as populações da mesorregião do Sudeste Piauiense, devido a sua característica de tolerância aos efeitos das estiagens prolongadas, garantindo ao produtor alguma receita monetária para suprir as necessidades da família. No passado, o algodoeiro chegou a contribuir com cerca de 30% do ICMS arrecadado pelo setor agropecuário.

Em 1986, foram cultivados no Piauí 219.876 hectares de algodão, considerada a maior área já cultivada no Estado, sendo 155.081 de arbóreo e 64.795 hectares de herbáceo, com uma produção de 79.592 toneladas de algodão em caroço e produtividade de 283 kg/ha e 552 kg/ha, respectivamente, sendo o semi-árido piauiense responsável por 70,53 % da área plantada e 55,08% da produção piauiense.

Após reduções sucessivas de área e produção em razão de diversos fatores, dentre os quais as estiagens prolongadas que ocorreram com frequência no semi-árido, falta de semente das cultivares recomendadas pela pesquisa, o desconhecimento dos pequenos e médios produtores sobre as tecnologias para a convivência com o bicudo do algodoeiro e a liberação das importações de pluma com juros baixos e longos prazos para pagamento, provocaram a perda de competitividade da maioria dos produtores de algodão do semi-árido piauiense, obrigando-os a mudarem de atividade ou mesmo se transferindo para as cidades, principalmente aqueles que desconheciam as tecnologias apropriadas para o manejo da cultura. Face à essas ocorrências a área colhida com essa malvacea no ano de 1999, foi de 5.012 hectares, caracterizada como a menor área cultivada com algodoeiro no Estado do Piauí. Segundo dados do IBGE, a área colhida com algodão em 2004, foi de 11.042 hectares, com uma produtividade de 773 kg/ha.

Com o surgimento do bicudo, o algodoeiro arbóreo foi praticamente substituído pelo algodoeiro herbáceo, cultura com grande potencial para cultivo nos cerrados piauienses. Face à essa ocorrência, o agronegócio do algodão passou por uma reorganização na base produtiva, com a intensificação do cultivo do algodão herbáceo que graças ao desenvolvimento de variedades de altas produtividade lançadas pela pesquisa e uso de técnicas de manejo integrado de pragas permitiram uma melhor convivência com o bicudo, elevando o potencial produtivo da cultura na região. Basicamente, com o uso de variedades melhoradas de algodão herbáceo, inicia-se uma nova fase produtiva do agronegócio do algodão no Piauí, com perspectivas de expansão da área cultivada e da comercialização.

Para reverter esse problema, a Embrapa Algodão e a Embrapa Meio-Norte, realizaram pesquisas visando o cultivo do algodoeiro na presença do bicudo, tendo-se constatado que é possível a convivência com essa praga, desde que sejam adicionadas ao sistema produtivo as tecnologias recomendadas pela pesquisa, tais como: utilizar sementes de cultivares recomendadas pelo órgão oficial de pesquisa para cada região; observar a época de plantio recomendada pelo zoneamento de riscos climáticos; efetuar o manejo integrado de pragas (MIP) através de amostragens semanais; catar e queimar os botões florais caídos ao solo; utilizar espaçamento adequado; fazer o controle de ervas daninhas; fazer consorciação ordenada; realizar melhoria no sistema de colheita e manejo dos restos culturais.

Em função das boas condições edafoclimáticas, a região dos cerrados piauienses desponta como uma nova fronteira agrícola para a produção de algodão herbáceo, com produtividade média acima de 200 arrobas por hectare, o que possibilitará o abastecimento de pluma de boa qualidade para o mercado nordestino, especialmente os parques têxteis de Fortaleza, São Luís e Campina Grande por estarem localizados mais próximos da região produtora de algodão. No entanto, esta produtividade é em decorrência do uso de altas tecnologias, onde o homem é substituído pela máquina. No semi-árido piauiense, cada hectare plantado com esta malvacea gera pelo menos cinco empregos no campo e aproveitamento da mão de obra familiar.

Atualmente, são recomendadas pela Embrapa para plantio na região semi-árida as cultivares de

algodoeiro CNPA Precoce 1, CNPA Precoce 2, BRS 186 Precoce 3, CNPA 7H, BRS 187 8H e BRS 2001 e, para o algodoeiro de fibra colorida a BRS 200 Marrom e BRS Verde. O cultivo do algodão colorido é uma das melhores alternativas para o semi-árido piauiense, cujo perfil de manejo é apropriado à pequena propriedade familiar e apresenta boa demanda junto à indústria têxtil. No entanto, verifica-se que a maioria dos produtores de algodão do semi-árido piauiense utilizam um sistema de produção tradicional, além de possuírem um baixo nível cultural para absorção destas tecnologias, havendo portanto, necessidade de treinamento sobre a cultura algodoeira a fim de que os mesmos possam adotar novas tecnologias de produção para elevar a produtividade.

Resultados obtidos pela Embrapa Meio-Norte na região dos cerrados, através de experimentos de avaliação de cultivares de algodoeiro herbáceo conduzidos em Bom Jesus, Palmeira do Piauí, Uruçuí e Baixa Grande do Ribeiro, evidenciaram que os cerrados do sudoeste piauiense, possuem potencial para o cultivo do algodoeiro herbáceo. As maiores médias de produtividade foram obtidas no município de Baixa Grande do Ribeiro. Entre as cultivares já recomendadas para plantio no cerrado a produtividade foi de 3.813 kg/ha (BRS Facual), 3.508 kg/ha (BRS Antares) e 3.447 kg/ha (CNPA ITA 90), ficando a média dos ensaios em 3.604 kg/ha, o que corresponde a 240,3 arrobas/hectare de algodão em caroço. Recentemente, foram recomendadas para plantio nos cerrados piauienses as cultivares BRS Aroeira, BRS Ipê, BRS Sucupira, BRS Cedro e BRS Jatobá todas com produtividades acima de 200 arrobas de algodão em caroço por hectare.

Analisando-se o estágio atual de desenvolvimento da cotonicultura piauiense, nota-se que esta cultura necessita de medidas de curto e médio prazos, que busquem a sustentabilidade do sistema produtivo e da renda do produtor, dentre as quais citam-se: disponibilidade de sementes das cultivares recomendadas pela pesquisa para a região semi-árida, em quantidade e qualidade; atualização tecnológica dos técnicos da extensão rural, na cultura do algodão; atualização tecnológica dos produtores de algodão do semi-árido; incentivo à produção de sementes selecionadas; criar cooperativas ou associações dos produtores de algodão; criar a exemplo dos Estados do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, incentivos para o desenvolvimento da cultura algodoeira nos cerrados piauienses. Para ter acesso ao benefício o produtor deve se preocupar com o monitoramento ambiental, controle fitossanitário, manejo cultural e outras técnicas que incluem a melhoria da qualidade da fibra.

1Eng. Agr., M. Sc., Pesquisador da Embrapa Meio-Norte, Caixa Postal 01, CEP 64.006-220
Teresina, PI
E-mail: jlopes@cpamn.embrapa.br

Agronet

[Voltar](#)